

ENSAIOS CONTEMPORÂNEOS - 01



**VIRGINIA WOOLF, FEMININO, ESCRITA E ESCUTA:
ALGUMAS REVERBERAÇÕES**

Vinicius da Rocha Barros

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8416-2722>.

E-mail: viniciusrbarros@gmail.com.

Mériti de Souza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8157-7615>.

E-mail: meritisouza@yahoo.com.br.

Fernanda Albrecht

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3325-1773>.

E-mail: fealbrecht@gmail.com.

Pedro Valentim Eccher

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8449-9464>.

E-mail: peecker@gmail.com.

Resumo: O artigo se refere às dimensões da escrita e da escuta clínica no que concerne ao feminino. Percorremos aspectos dessas dimensões nos seus entrelaces com o feminino: da escrita de autoras como Virginia Woolf, até a escuta de um caso clínico. Recorremos a pressupostos conceituais e metodológicos das teorizações freudianas e pós-freudianas, mantendo o diálogo com referências pós-estruturalistas, para discutir textos que abordam a escrita e o feminino, bem como, para analisar recortes de um caso clínico. Entendemos que concepções e experiências do feminino se articulam a escrita e a prática clínica, apresentando possibilidades para a escuta do feminino e para ampliar o trabalho crítico em relação à hegemonia falocêntrica.

Palavras-chave: Feminino. Escrita. Escuta. Clínica. Psicanálise.

REVERBERATIONS ON VIRGINIA WOOLF: THE FEMININE, WRITING AND LISTENING

Abstract: The article refers to the dimensions of writing and clinical listening concerning the feminine. We explore aspects of these dimensions in their interconnections with the feminine: from the writings of authors like Virginia Woolf to the clinical listening of a case. We draw on conceptual and methodological assumptions from Freudian and post-Freudian theories, while maintaining a dialogue with post-structuralist references, to discuss texts addressing writing and the feminine, as well as to analyze excerpts from a clinical case. We understand that conceptions and experiences of the feminine are articulated with writing and clinical practice, presenting possibilities for listening to the feminine and for expanding critical work regarding phallogocentric hegemony.

Keywords: Feminine. Writing. Listening. Clinical. Psychoanalysis.

Introdução

O texto da escritora inglesa Virginia Woolf, intitulado *Profissões para mulheres*, de 1931, é publicado postumamente, em 1942, em *A morte da mariposa*. O texto foi apresentado para a Sociedade Nacional de Auxílio às Mulheres, em janeiro de 1931, meses antes da publicação do texto *A Feminilidade* (1931/2010), de Freud, e dois anos antes do artigo do autor *A Sexualidade Feminina* (1933/2010). As datas das publicações, por serem próximas, bem como os conteúdos de cada obra, mobilizaram associações entre esses textos na discussão deste artigo.

Transcrevemos o início do texto de Woolf pelo seu caráter histórico, provocativo e como modo de publicar as palavras da autora:

Quando a secretária de vocês me convidou para vir aqui, ela me disse que esta Sociedade atende à colocação profissional das mulheres e sugeriu que eu falasse um pouco sobre minhas experiências profissionais. Sou mulher, é verdade; tenho emprego, é verdade; mas que experiências profissionais tive eu? Difícil dizer. Minha profissão é a literatura; e é a profissão que, tirando o palco, menos experiência oferece às mulheres – menos, quero dizer, que sejam específicas das mulheres. Pois o caminho foi aberto muito anos atrás – por Fanny Burney, Aphra Behn, Harriet Martineau, Jane Austen, George Eliot –; muitas mulheres famosas e muitas outras desconhecidas e esquecidas vieram antes, aplainando o terreno e orientando os meus passos. Então quando comecei a escrever, eram pouquíssimos os obstáculos concretos em meu caminho. Escrever era uma atividade respeitável e inofensiva. O riscar da caneta não perturbava a paz do lar. Não se retirava nada do orçamento familiar. Dezesesseis pences bastam para comprar papel para todas as peças de Shakespeare – se a gente for pensar assim. Um escritor não precisa de pianos, nem de modelos, nem de Paris, Viena ou Berlim, nem de mestres e amantes. Claro que foi por causa do preço baixo do papel que as mulheres deram certo como escritoras, antes de dar certo nas outras profissões (WOOLF, 1931/2012, p. 09-10).

A provocação de Woolf (1931/2012) segue na desarticulação e no não reconhecimento do labor da escrita em relação às profissões que ela entende trabalhosas. Ela explica que o seu trabalho foi mover a caneta da esquerda para a direita durante umas quatro horas, colocar os seus escritos dentro de um envelope, selar e pôr na caixa do correio: “Foi assim que virei

jornalista; e meu trabalho foi recompensado no primeiro dia do mês seguinte” (p. 10). Chamamos de provocação, pois sabemos que Virginia Woolf não estava deslegitimando a sua escrita, o jornalismo ou ela mesma. Pelo contrário, a autora provoca acerca do convite feito pela Sociedade, pois reconhece as dificuldades e lutas da vida de uma mulher profissional: “[...] devo admitir que, em vez de gastar aquele dinheiro com pão e manteiga, aluguel, meias e sapatos ou com a conta do açougueiro, saí e comprei um gato” (p. 11).

Para tanto, ela articula que, para além das dificuldades e lutas trabalhistas, há algo que toda mulher (ousamos generalizar) enfrentará ao sair de casa rumo ao trabalho remunerado: o combate ao fantasma de *O Anjo do Lar* – em referência ao poema do poeta inglês Coventry Patmore, o qual narrava sobre o amor conjugal e a idealização do papel doméstico das mulheres. Woolf diz que o seu fantasma era uma mulher e a criou com o mesmo nome da personagem principal do texto de Patmore. Relata que ela (o anjo) costumava aparecer entre ela (Virginia) e o papel enquanto elaborava as resenhas: “Era ela que me incomodava, tomava meu tempo e me atormentava tanto que no fim matei essa mulher” (p. 11).

E nós, em pleno século XXI, também somos atormentadas(os) pelo anjo do lar? Podemos chamar esse anjo de “O Anjo do Lar da Virginia Woolf”, ou seja, a referência da referência e não é por acaso. Entendemos que o fantasma do anjo do lar não se assemelha com a procrastinação, pois não é uma evitação em moldes de estafa. O anjo do lar ataca pela via do impedimento, impossibilitando a calma necessária para a produção da escrita, da leitura e do exercício do pensamento livre. Ironizamos que, além de ser profissionais da psicologia e da universidade, também somos “do lar”.

Com a pandemia, o *home office* ficou mais intensificado, exacerbando essa problemática. Porém, antes da pandemia, já adotávamos a responsabilidade da casa, pois, entendemos haver um caráter político em assumir a posição de “do lar”, uma vez que, a responsabilidade e o lugar do doméstico nos colocam frente ao anjo que Virginia Woolf expõe. Como psicanalistas e pesquisadores(as), que comumente escutam mulheres, cisgêneros, heterossexuais, brancas, adultas, urbanas, com ou sem filhos e filhas, é necessário esse laboratório, pois mesmo com os avanços sociais e políticos frente aos direitos das mulheres e as pautas feministas, ainda não rompemos com o destino do quadro doméstico que cerceia as mulheres. Se o fantasma do anjo do lar nos ronda, com qual intensidade ele/ela não aterroriza as mulheres?

Woolf (1931/2012) nos conta que seu encontro com o anjo foi uma topada, não no sentido de concordar com os pedidos de ser afável, lisonjeira, meiga e controlar a sua opinião frente às resenhas críticas sobre livros escritos por homens. O anjo do lar sussurrava que uma mulher não pode tratar de forma verdadeira a sua opinião sobre as relações humanas, moral e sexo. A topada diz sobre um esbarrão — dar uma topada em algo imóvel, antigo e rígido. Woolf ironiza: como é possível escrever uma resenha, ou qualquer outra produção escrita, sem esboçar alguma opinião? “Fui para cima dela e agarrei-a pela garganta. Fiz de tudo para esganá-la. Minha desculpa, se tivesse de comparecer a um tribunal, seria legítima defesa” (p. 13). O anjo do lar demorou para morrer, diz Virginia, e inclui: “Quando eu achava que já tinha acabado com ela, sempre reaparecia sorrateira” (p. 13). Woolf demarca que matar um fantasma é mais complexo e difícil do que colocar fim na realidade.

No entanto, a autora direciona como inevitável a morte do Anjo do Lar, pois esse assassinato simbólico faz parte, para as mulheres da sua época, da atividade de uma escritora. Com o anjo morto, a escritora está livre para escrever, está livre para ser ela mesma. “Ah, mas o que é ‘ela mesma’? Quer dizer, o que é uma mulher? Juro que não sei. E duvido que vocês saibam. Duvido que alguém possa saber, enquanto ela não se expressar em todas as artes e profissões às capacidades humanas” (WOOLF, 1931/2012, p. 14).

Trazendo esse legado da escrita de Virginia Woolf para a contemporaneidade, pinçamos o ponto no qual a romancista direciona para o poder — o poder escrever ficções num quarto com um teto todo seu. Maria Rita Kehl (2011), na crônica *O que pode uma mulher?*, publicada no livro *18 crônicas e mais algumas*, afirma que entre a mulher e a relação com o trabalho remunerado ou fora do âmbito doméstico, há uma mediação com o poder (verbo) e o poder (substantivo). A psicanalista diz que na atualidade é comum escutar a expressão “as mulheres estão podendo”. Kehl, também, recorre aos registros de Virginia Woolf para situar historicamente o início do deslocamento realizado pelas mulheres em direção ao território ocupado pelos homens.

Segundo Kehl, Woolf escreveu no seu diário que, na Inglaterra da década de 1920, a humanidade estava se transformando, ou pelo menos 50% dela — ou seja, as mulheres: “Ocorre que os 50% de mulheres não se moveram de seus lugares tradicionais sem abalar a suposta identidade da outra metade” (p. 134). Masculino e feminino são campos escorregadios que só se definem por oposições, sempre incompletas, de um ao outro. “São formações imaginárias

que buscam produzir uma diferença radical e complementar onde só existem, de fato, *mínimas diferenças*. O resto é questão de estilo” (p. 134, grifo da autora). Até a segunda metade do século XIX, conforme Kehl, “o divisor de águas era claro: os homens ocupavam o espaço público, as mulheres tratavam da vida privada. Privada de quê? De visibilidade, diria Hannah Arendt. De visibilidade pública” (p. 134). Para tanto, há uma imprecisão, ironiza a autora, ao afirmar que nunca faltou visibilidade ao corpo feminino. Até o século XX, as mulheres estiveram privadas da “[...] *presença pública*, manifesta não em imagens, mas em palavras. A palavra feminina, reservada ao espaço doméstico, não produzia diferença na vida social” (KEHL, 2011, p. 134, grifo da autora).

Ainda em diálogo com o texto de Virginia Woolf, o segundo ponto pinçado diz sobre a concepção de “todo seu”. Diana Corso (2014) interpreta que “Fazer-se de espaço difere de se sentir equiparada a um objeto qualquer que o ocupa. Um objeto preenche o vazio, onde quer que esteja lá haverá algo, equivale a uma presença, é o cheio” (p. 249). Para a autora, o espaço é somente espera, é o vazio (em si). É a expectativa de conter tudo o que couber, é a consciência da ausência: “Esse tem sido o papel clássico das mulheres: esperar, conter, preservar, cultivar o que nelas semeia, proteger o que em seus braços se deposita, retomar o que delas se afasta” (p. 249). Para Corso (2014), as mulheres aprenderam a compor e, em alguma medida, a ser esse lugar disponível, silencioso e vazio. Quando as mulheres foram incluídas na vida pública, elas levaram consigo as vivências oriundas dessa posição.

Considerando as perspectivas apontadas acima, neste artigo estabelecemos a investigação do enigma que acompanha o feminino, adotando como recorte para esse trabalho a escrita feminina e a psicanálise freudiana e pós-freudiana. Para tanto, organizamos uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e conceitual, recorrendo à problematização de textos de Virginia Woolf e textos de autoras(es) que oferecem escuta ao movimento feminino, no seu entrelace com textos freudianos e pós-freudianos na referência pós-estruturalista. Utilizamos como referência a escrita de Virginia Woolf e a escrita e prática clínica de autoras(es) psicanalistas contemporâneas(os) por considerar que elas(es) exercem a escrita e a escuta. Ainda, entrelaçamos nossas análises com recortes clínicos de um atendimento realizado por um dos autores. Utilizamos como categorias analíticas para as leituras e análises dos textos os conceitos de transferência, desejo de saber, enigma, sexualidade e indecidível, e pressupostos

da prática analítica como mediadora de uma escuta do feminino e das suas relações com o contexto coletivo e singular (GARCIA ROSA, 1991).

Entendemos que problematizar e ampliar a referência ao feminino sob o viés da escuta e da escrita pode auxiliar no trabalho de desdobrar o enigma não apenas como condição que atravessa a todos e todas nós, mas também como recorte analítico, como conceito de análise a ser utilizado no trabalho de pesquisa e de atendimento clínico. Ou seja, entendemos que o feminino exige para sua compreensão o recurso a conceitos e teorias que foram expurgados da tradição hegemônica do conhecimento ocidental, mas que apresentam potencial crítico e analítico necessários para o trabalho com a subjetividade e a realidade na sua condição singular e coletiva (DERRIDA, 1996; DERRIDA; ROUDINESCO, 2004; HARAWAY, 1995; 2011; KEHL, 1996, 2016). Assim, supomos que recorrer ao enigma como referência analítica também é importante para demonstrar sua contribuição ao conhecimento e a compreensão da subjetividade e da realidade.

Destinos para mulheres: Virginia Woolf, a arte da escrita e ressonâncias clínicas

Virginia Woolf sustenta que o trabalho de quem escreve está associado ao estado de letargia constante — ou, em termos psicanalíticos, em atenção flutuante. “Acho que não estou revelando nenhum segredo profissional ao dizer que o maior desejo de um romancista é ser o mais inconsciente possível” (WOOLF, 1931/2012, p. 15). A autora desconfia que este estado letárgico é o mesmo estado para homens e mulheres. Contudo, e essa é uma das nossas apostas para recorrer a este diálogo com a escritora, afirma que ao serem conduzidas pela associação de seus pensamentos, comumente, as mulheres esbarram em algo duro, que as retiram do lugar de transe que haviam entrado. Este algo duro representa pensamentos sobre o corpo e os de uma mulher são impróprios de dizer ou escrever: “Foi a consciência do que diriam os homens sobre uma mulher que fala de suas paixões que a despertou do estado de inconsciência como artista. Não podia mais escrever” (WOOLF, 1931/2012, p. 16).

Este encontro com a razão que interrompe e, em alguma medida, tampona os pensamentos íntimos ressoa com o que Freud (1930/2010), no seu trabalho *O mal-estar da civilização*, versa sobre os possíveis recursos paliativos frente às tarefas insolúveis da vida: a distração/diversão, a embriaguez e a sublimação são gratificações substitutivas, ou seja, ilusões frente ao mal-estar da realidade — graças ao papel fundamental da fantasia na vida psíquica,

essas ilusões não precisam ser desqualificadas. Virginia Woolf diz que o retorno à realidade após o encontro com a razão, para as romancistas mulheres, em especial, é uma pancada forte que as levam, ao retornar da letargia, à mais viva angústia e aflição.

Diana Corso (2014), em seu ensaio *Sem medo de Virginia Woolf*, considera que a luta retratada por Woolf não é um retrato estranho para as mulheres ainda hoje. Para a psicanalista, o Anjo do Lar, que para Virginia Woolf é uma mulher, “equivale à imagem idealizada da mãe, aquela que todas acham que deveriam ser, a mesma que tanto os homens quanto as mulheres gostariam de ter tido” (p. 248). Corso (2014) interpreta que para as mulheres “[...] é necessário exorcizar esse modelo para poder dizer que acham e querem até mesmo para si mesmas. Porém, não é difícil deduzir que ficar privadas dessa mãe de fantasia equivale a ficar órfãs” (p. 248). Obviamente que exorcizar a mãe-modelo é uma tarefa sem gênero. Homens e mulheres, ao buscar as orelhas de um analista, irão esbarrar neste ponto. Contudo, historicamente a permissão para falar do íntimo, para si mesma, é uma invenção moderna.

Virginia Woolf nos esclarece:

Foram duas das aventuras de minha vida profissional. A primeira — matar o Anjo do Lar — creio que resolvi. Ele morreu. Mas a segunda, falar a verdade sobre minhas experiências do corpo, creio que não resolvi. Os obstáculos ainda são imensamente grandes — e muito difíceis de definir. De fora, existe coisa mais simples do que escrever livros? De fora, quais os obstáculos para uma mulher, e não para um homem? Por dentro, penso eu, a questão é muito diferente; ela ainda tem muitos fantasmas a combater, muitos preconceitos a vencer. Na verdade, penso eu, ainda vai levar muito tempo até que uma mulher possa se sentar e escrever um livro sem encontrar com um fantasma que precise matar, uma rocha que precise enfrentar. E se é assim na literatura, a profissão mais livre de todas para as mulheres, quem dirá nas novas profissões que agora vocês estão exercendo pela primeira vez? (1931/2012, p. 18).

A escritora encerra a sua apresentação para a Sociedade Nacional de Auxílio às Mulheres reconhecendo a intersecção entre elas, atestando as conquistas das mulheres frente à profissão, tencionando as discussões sobre as metas e finalidades da(s) luta(s) das mulheres e apontando para outra tese de sua autoria, *Um teto todo seu* (1985), na qual a autora ensaia sua afirmativa que a mulher precisa de um espaço (e de dinheiro) todo seu para poder escrever ficções. Isso também aparece no texto *Profissões para mulheres*:

Vocês ganharam quartos próprios na casa que até agora era só dos homens. Podem, embora com muito trabalho e esforço, pagar o aluguel [...]. Mas essa liberdade é só o começo; o quarto é de vocês, mas ainda está vazio. Precisa ser mobiliado, precisa ser decorado, precisa ser dividido. Como vocês vão mobiliar, como vocês vão decorar? Com quem vão dividi-lo e em que termos? São perguntas, penso eu, da maior

importância e interesse. Pela primeira vez na história, vocês podem fazer essas perguntas; pela primeira vez, podem decidir quais serão as respostas. (WOOLF, 1931/2012, p. 19).

Este ponto nos remete a um caso clínico de uma paciente de aproximadamente 30 anos. Resumidamente, por conta de uma específica especialização na sua área (enfermagem), ela conseguiu uma localização profissional bastante desejada e num curto espaço de tempo. Algo que se esperava quatro anos para concluir, ela conseguiu na metade do tempo. Com as bonificações do seu trabalho, financiou um apartamento. A sua alegria, além desta conquista, era mobiliar o seu quarto da maneira que sempre quis (um teto todo seu). Até então, o mobiliário dos quartos que ocupava era improvisado, alugados ou com as mobílias do seu noivo. O noivo era um homem de 40 anos, empresário de uma cervejaria artesanal (profissão/hobbie comum na região de Blumenau). A empresa e o *hobby* se confundiam. Era um negócio que dava meio certo e meio errado. Ou seja, não gerava despesas, porém, não gerava lucro. Os lucros da empresa cobriam as despesas geradas. Isso, algumas vezes, era ponto de conflito entre os dois.

Já vivendo no novo apartamento de dois quartos, a paciente dizia que o segundo quarto estava vazio e, por conta disto, aumentou a carga horária de trabalho para conseguir mais dinheiro e assim mobiliá-lo. Inspirado no texto da Virginia Woolf, foi interrogado: como gostaria de ocupar/decorar aquele quarto vazio? Ela dizia estar entre um escritório ou um quarto de bebê. “Entre”, “meio”, “metade” são significantes que oscilam entre o vazio e o cheio. A condução clínica se deu na gestação da dúvida. Ou seja, se ainda não sabe como irá preencher o quarto supostamente vazio, construa a sua resposta, sem a pressão do tempo.

A angústia frente ao vazio é real, ela só é simples na teoria. Sustentar o vazio, no ponto de vista existencial, é complexo e muitas vezes insuportável. Responder à demanda da angústia, basicamente, é responder logo isso e colocar um fim sobre ela. Construir um escritório e depois, se necessário, construir o quarto de bebê é um caminho que desliza para a tradição do modo de subjetivar e dos modos de conhecer que visa a lógica da razão. Essa lógica subentende que um quarto vazio demanda o preenchimento, e uma vez cheio é um quarto pronto, completo e sem vazio.

Do ponto de vista psicanalítico, a questão não está no quarto sem destino. Um quarto vazio nunca é um quarto vazio. Ele é composto por uma rede simbólica que compõem o quarto para além do mobiliário. Ou seja, um quarto sem destinatário não é automaticamente um quarto sem remetente. A análise visa dialogar com o remetente do quarto. Ou seja, para preencher esse

quarto, há de falar do quarto supostamente cheio. O quarto do casal. Mesmo com a mobília prontamente decidida, a partir do seu desejo de compor o seu quarto — que sintomaticamente era sempre chamado de “seu quarto” — dava pistas que o vazio do quarto mobiliado estava diretamente ligado ao casal. Um quarto literalmente feito para dormir. Vazio de encontros amorosos, paixões e sexo. Cabe sublinhar que a profissão da paciente era na área hospitalar e estava diretamente ligada ao centro cirúrgico. A demanda por um escritório era “desnecessária” do ponto de vista funcional. Porém, o desejo da maternidade, até o momento, estava colocado no (v)entre.

Neste escrito o que está em cena é a discussão sobre o feminino, e também em alguma medida do masculino, enquanto duas posições subjetivas, sem a necessidade de agrupar essas posições ao corpo físico e à genitalidade. Portanto, recorremos ao psicanalista Contardo Calligaris (2008) no escrito *Ser homem ou mulher*, publicado na sua coluna do jornal Folha de São Paulo, no qual o autor problematiza a preposição freudiana: *A anatomia é o destino?* Talvez, responde Calligaris, ao incluir que há lugares nos quais a mulher pode escolher ser homem.

Contextualizando, Calligaris (2008) percorre a leitura social da identidade de gênero, sublinhando que outrora ela dependia dos valores que eram transmitidos. Após a década de 60, foi possível desarticular essa dependência e “tornou-se possível sentir-se homem e cuidar das crianças ou fazer bordado, e sentir-se mulher e pensar na vida profissional ou entrar no exército” (não paginado). A suposição parte da leitura que “as diferenças culturais entre gêneros se tornaram menos relevantes” (não paginado) e que se buscou outras diferenças mais endossadas. Nesse sentido, para a lógica discursiva que ganhou força de sustentação nas últimas décadas, pouco importa o estilo, gostos, escolhas ou as relações. O sentir-se homem e o sentir-se mulher será uma consequência bioquímica, neurológica, física dos corpos.

Paradoxalmente, essa posição, que pretende ser materialista, parece apostar na separação de corpo e mente, como se um mundo “real” de genes e hormônios existisse separado da fala e dos atos da gente (que, cá entre nós, não é menos real). Acho mais provável que haja um mundo só, em que interagem fenômenos descritos de jeitos diversos, mas que pertencem a uma única realidade, a nossa, feita de descargas hormonais, obrigações indumentárias e comportamentais, genes, xingões, chapeletadas, neurotransmissores, conselhos, amores e carícias. (CALLIGARIS, 2008, não paginado).

O autor acrescenta que não devemos esquecer que a legitimação atual das explicações anatômicas dos corpos é um fato cultural, uma reverberação da evolução da cultura ocidental moderna, que busca o comum para “além das diferenças culturais” (2008, não paginado). Ou seja, para fundamentar a existência dos direitos humanos universais, “[...] nada melhor do que uma definição da espécie a partir da biologia comum e não das culturas, que divergem” (não paginado).

É nesta esteira que o autor problematiza a questão da anatomia como destino, tencionando que hoje o clima sugere que essa preposição seja uma afirmativa e não uma interrogação. Em sua reflexão, ele indica o artigo *Woman as Family Man* (numa tradução literal, mulher como homem da família), de 2008, do correspondente canadense do *New York Times*, Dan Bilefsky. Em suma, Bilefsky escreveu sobre sua viagem pelas montanhas do norte da Albânia, onde há restos de uma cultura tradicional, em especial, a cultura da vendeta entre famílias. “[...] vocês matam um dos nossos, nós mataremos um dos seus — sendo que só podem matar e ser mortos os homens das respectivas famílias” (CALLIGARIS, 2008, não paginado).

O psicanalista explana que, dentro desta lógica, cabe perguntar o que acontece, dentro desta cultura ou numa cultura como essa, quando só restam mulheres de uma família. A construção de uma possível resposta se dá pela conjectura do psicanalista, que supõe que ser mulher era especialmente chato. Amparado pela pesquisa fotográfica de Bilefsky, revela que nesta cultura uma mulher virgem poderia livremente decidir ser homem. Elas cortavam os cabelos, adotavam outras vestes, carregavam facas e outras armas, sentavam, rezavam entre os homens, matavam ou eram mortas nas vendetas e, quando vivas, tornavam-se patriarcas da família.

Segundo a explicação de Calligaris, Bilefsky encontrou e fotografou várias mulheres-homens, na faixa dos 80 anos, virgens, que “renunciaram à vida sexual e decidiram ser homens. E, de fato, sentiram-se e foram homens. Na verdade, ainda são: no pleno exercício de seu patriarcado” (2008, não paginado). O autor conclui afirmando a surpresa presente na história, pois para além da possibilidade de visualização da construção cultural de gênero, é revelada a liberdade numa sociedade tradicional, quando é bastante comum acreditar na ideia que a liberdade é uma consequência da sociedade moderna.

Interessante o modo como o Contardo Calligaris aborda este ponto nevrálgico da discussão sobre a anatomia como destino. A questão anatômica pouco foi problematizada frente

à alta complexidade dos discursos neurológicos, bioquímicos, fisiológicos do corpo na sociedade vigente. Até o momento, pensávamos a ciência moderna sem extrair alguns nomes específicos que a circundam, em especial, “nas orelhas” dos(as) analistas nas clínicas psicanalíticas. A preocupação se dava em torno da impressão da concepção freudiana face às consequências psíquicas da diferença anatômica dos sexos e ao esforço do projeto da concepção da psicanálise enquanto uma possível ciência moderna, na busca por uma essência que obliterasse o ser homem e o ser mulher a uma determinada marca. A pesquisa de Belefsky, apresentada por Calligaris, sobre esse encontro com a mulher-homem e a liberdade de poder ocupar outro lugar de circulação subjetiva, para além da sua anatomia, recapitula o ponto nodal da nossa sustentação. O sentir-se homem e/ou mulher, o reconhecer-se como masculino e/ou feminino, diz sobre uma posição subjetiva (e política) íntima que independe da fixação anatômica dos sexos, da transmissão cultural de gênero e demais corpos que não conjugam, necessariamente, a este modelo hegemônico de distinção (LACAN, 1959/60; 1957/1998; 1958/1998).

Calligaris (2008) apontou no início do texto que talvez a anatomia seja destino, nos possibilitando pensar que talvez a cultura seja destino. Para tanto, há a possibilidade de pensar essa problemática a partir do jogo enigmático, no qual não se supõe uma razão fixa, ordenadora. Nem anatomia, nem cultura ocupam o lugar de centralidade, mas, sim, o traslado estabelecido na travessia singular, entre um e outro, amparada pelo universal. Parece óbvio, mas o óbvio precisa ser dito. Não há um certo ou um errado. Não há um verdadeiro e um falso. É possível pensar no enigma que sustenta essa travessia e envolve o singular e o universal, o simbólico e a literalidade do corpo biológico, o sexual e o gênero, o masculino e o feminino.

A partir dessa discussão, constatamos que o feminino se entrelaça com a escrita e a prática clínica, especialmente quando o abordamos para além de uma lógica binária, assim como quando mantemos um pensamento crítico em relação à predominância hierárquica do masculino. O estudo de caso e as análises sobre *Um teto todo seu* contidos neste tópico nos auxiliam nas associações, juntamente com os escritos de Woolf, a fim de desdobrar as potências e os enigmas que o feminino nos apresenta durante nossas experiências clínicas.

O enigma e o indecível: leituras para uma ética

Autoras como Carla Rodrigues (2012) sustentam o tema do enigma aproximando-o ao conceito de indecível, conforme utilizado por autores que recorrem ao campo das leituras pós-estruturalistas. No caso, o indecível emerge como contraponto aos conceitos assentados nos pressupostos do binário e do hierárquico que deságuam em leituras baseadas na verdade e no falso, natureza e cultura, masculino e feminino, sexo e gênero, entre outros. Assim, citamos:

Nem verdadeiros/nem falsos é uma formulação que se vale do recurso ao nem/nem, uma formulação frequente no pensamento de Derrida, autor que trabalha a partir de uma série de signos de duplo valor, com palavras que admitem um jogo de contradição e não contradição, contestando a lógica do “ou isto ou aquilo”. É o que leva Mónica Cragolini a chamar o pensamento da desconstrução de “pensamento do nem/nem”. (RODRIGUES, 2012, p. 151).

A formulação do nem/nem proposta pelo pensamento da desconstrução, apresentado pela filósofa Carla Rodrigues (2012), em franco diálogo com Jacques Derrida e Mónica Cragolini, nos ajuda a pensar essa problemática como um desafio político para além da dicotomia, do binarismo e da hierarquia. Para tanto, por ser um desafio político e epistêmico, não se trata de “estabelecer um novo lugar, mas de aceitar permanecer na oscilação e de não sucumbir a esta ‘comodidade metodológica’ que novamente estabiliza, ainda que em outro lugar, o que poderia haver de oscilante na proposição ‘nem feminino/nem masculino’” (RODRIGUES, 2012, p. 151). Nem anatomia, nem cultura.

Podemos localizar na literatura inúmeras(os) psicanalistas e pesquisadoras(es) feministas pós-estruturalistas que, em franco diálogo com a psicanálise, se debruçam sobre a questão do feminino e nos apontam as intrincadas relações entre corpo e simbólico, entre natureza e cultura, desaguando em diversificadas manifestações da subjetividade e do desejo no enlace com a linguagem (BIRMAN, 2001; CORSO, 2021; KEHL, 1996, 2016; NERI, 2005; NUNES, 2000; SOUZA, 2011; LACAN, 1959/60; BUTLER, 2015a, 2015b). Também podemos localizar profissionais que recorrem às manifestações transexuais para questionar o império da designação do feminino direcionado às específicas manifestações identitárias e conformações biológicas (PORCHAT, 2010; 2014). Entendemos que nessas análises sobressai a questão das matrizes identitárias que acompanham a tradição do conhecimento e da subjetivação no que diz respeito a incansável busca do humano por uma referência ao eu que supostamente possa identificá-lo(a) e garantir-lhe alguma estabilidade subjetiva.

Encontramos nessas referências relações entre a psicanálise, a linguagem e a identidade sob uma perspectiva feminista pós-estruturalista. Jacques Lacan (1959/60; 1957/1998; 1958/1998) é citado como um autor que reflete sobre a questão do feminino e do masculino como atribuída ao significante, ou seja, como construção simbólica, não como algo natural ou biológico. Segundo ele, a identidade sexual não é determinada pela anatomia, mas pela linguagem e pelo simbólico, que conferem sentido e significado às identidades de gênero. Assim, o feminino e o masculino são construções simbólicas enraizadas na linguagem.

Em outras palavras, esse autor argumenta que a questão do feminino e do masculino é um processo subjetivo e político que envolve a construção de uma posição simbólica dentro da cultura. Segundo ele, o sujeito se constitui a partir da linguagem e da relação com o outro, e não apenas a partir da anatomia genital. Assim, a identidade de gênero não é algo natural e dado, mas sim uma produção pela linguagem. Em resumo, a identidade de gênero é uma construção subjetiva e social que não se limita à anatomia genital ou à cultura em que a pessoa está inserida. Envolve uma posição política e simbólica dentro da cultura e pode ser mutável, transitando entre seus polos.

Judith Butler (2015b) no livro *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*, em diálogo com a tese de Adriana Cavarero, aponta que a pergunta “Quem és tu?” é central para o reconhecimento do outro. Uma pergunta que pressupõe que diante de nós há um outro que não conhecemos. Para tanto, por mais cordial que se possa parecer, uma vez que ofereço ao outro o direito de dizer sobre quem ele/ela é, lhe possibilitando o reconhecimento, há “uma consequência ética para o problema de fazer um relato de si mesmo para o outro” (BUTLER, 2015b, p. 29). Primeiro, a resposta do outro precisa estar, em alguma medida, dentro daquilo que, quem a interpela, reconheça como inteligível. Ou seja, uma resposta para a interpelação “Quem és tu?” só será aceita no momento que reconheço, aceito e não argumento a possível resposta para a minha interpelação. Em segundo, a consequência ética reside na suposição que o outro pode relatar sobre a interpelação:

Não posso relatá-la, mesmo que ela estruture qualquer relato que eu possa dar. As normas pelas quais busco me tornar reconhecível não são totalmente minhas: elas não nascem comigo; a temporalidade de seu surgimento não coincide com a temporalidade da minha vida. Então, ao viver minha vida como um ser reconhecível, vivo um vetor de temporalidades, uma das quais tem minha morte como término, mas a outra consiste na temporalidade social e histórica das normas pelas quais é estabelecida e

mantida minha reconhecibilidade. De certo modo, essas normas são indiferentes para mim, para minha vida e para minha morte (BUTLER, 2015b, p. 29).

A autora conclui:

Como as normas surgem, transformam-se e subsistem de acordo com uma temporalidade que não é a mesma da minha vida, e como, em vários aspectos, elas sustentam minha vida em sua inteligibilidade, a temporalidade das normas interrompe o tempo da minha vida. Paradoxalmente, é essa interrupção, essa desorientação da perspectiva da minha vida, essa instância de uma indiferença na sociabilidade, que sustenta meu viver (2015b, p. 29).

Pensamos que é justamente, desde este jogo enigmático, que o *eu* sucumbe e que a crise ética emerge. Como sabemos, o *eu* goza da sua suposta certeza de si. Crê na utopia da autoanálise. Financia o ideal de indivíduo, o mito da normalidade e do bem-estar. A sua aposta está na tentativa constante de eliminar ou, minimamente, estabilizar os conflitos e a ausência de sentido reverberados pelos enigmas da sexualidade e da morte. Utiliza a linguagem (letra, fonema, significante) como recurso para compor as representações. A representação conforme se (re)apresenta na tradição do conhecimento ocidental é uma tentativa de estabelecer sentido. Ao relatar a si, o *eu* utiliza das suas representações para dar consistência a sua história, simultaneamente, ao relatar a si, o *eu*, sem se dar conta, (re)compõe o próprio relato, alterando e desestabilizando a suposta fixação da representação.

O que o *eu* moderno não tolera, o que o fere narcisisticamente ou o que lhe angustia, é que “desvendar o enigma” evidencia que as representações são estabilizações temporárias de sentido, ou seja, as representações também são marcadas pela morte. De outro modo, a ideia de “desvendar o enigma”, não garante a plenitude, a transcendência ou um campo aberto, verde e florido, pelo contrário, “desvendar o enigma” nos (re)coloca face a um campo minado de possibilidades. “O propósito aqui não é celebrar certa noção de incoerência, mas apenas destacar que nossa incoerência define o modo como somos constituídos na relacionalidade: implicados, obrigados, derivados, sustentados por um mundo social além de nós e anterior a nós” (BUTLER, 2015b, p. 53).

Algumas conclusões

Virginia Woolf considera que a figura angelical que assombra o lar é um fardo que as mulheres tinham que carregar. De forma sutil, essa é nossa aposta ao dizer que esse fardo

representado pela figura do anjo é relativo ao enigma posto no feminino. Uma espécie de segredo íntimo guardado em algum cofre no passado e protegido por uma longa tradição de pensamentos modernos.

Imaginado como a relação entre a mãe e o bebê, cada um constrói para si esse cenário saudosista, essa terra de ilusão onde se espera que alguém possa prover tudo para um outro que ainda é pouco mais que nada. Esse enlace aparentemente perfeito é preservado em sonhos, fantasias, e por muito tempo acreditou-se que a existência das mulheres reclusas em algum tipo de gineceu lhe garantiria a veracidade (CORSO, 2014, p. 249).

Diana Corso (2014) afirma que não vem sendo fácil escutar o que as mulheres têm a depor: “Diz-se que são tagarelas e superficiais, não confie nisso. A conversa fiada é só para se distrair de si, ninar-se com a própria voz, adormecer a angústia, encarar o inevitável desamparo” (p. 249). Escutar a fiação de suas vozes, no sentido de se fazer orelhas que escutam, é um trabalho desafiador para ambos os gêneros.

Reconhecer que há recusa, ou seja, há “um” enigma em mim, proveniente das relações com o mundo das representações, irá possibilitar a interrogação/meditação para além de mim. Não com a tentativa de decifrar, pois há o encontro com o impossível, contudo, a impossibilidade não repousa no feminino ou sobre o desejo da mulher. O enigma é condição de subjetivação tanto para a posição masculina, quanto para a posição feminina. O que nós mantemos como acordo é que as qualificações de gênero são fluidas, que se alteram em algumas medidas, situações e cenários, ao contrário do que supõem algumas literaturas que compreendem o gênero ou as posições subjetivas como algo unitário e estático.

A partir da escuta e da escrita sobre as obras de Virginia Woolf, constatamos o quanto é potente reconhecer dois elementos dinâmicos interligados: os dilemas enfrentados por uma mulher em um contexto histórico, político e social pautado pela lógica identitária modernista, formada pela binaridade e pela hierarquia de gênero que subordina as mulheres à figura masculina, e as imprevisibilidades do inconsciente e da singularidade daquela que escreve, produzindo afetos, ideias e memórias disruptivas e rebeldes aos imperativos de seu tempo. É no processo de escrita que essa mulher extrapola as experiências do vivível e do vivido, oferecendo a si mesma e aos outros novas possibilidades de existência e transgredindo as dilacerações da pluralidade que a habita.

Por fim, conforme sinaliza Rodrigues (2018), o trabalho com as referências apropriadas neste artigo sobre o enigma posto no feminino, também presente nos textos de Virginia Wolf, aponta como, embora haja diferenças e tensões entre as teorias feminista e psicanalítica, é possível encontrarmos pontes de diálogo e de complementaridade entre elas, especialmente quando se trata de entender as complexidades da subjetividade, da identidade de gênero e das relações de poder nas sociedades ocidentalizadas.

Referências

BIRMAN, J. **Gramáticas do erotismo**: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Joel Birman. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015a.

BUTLER, J. **Relatar a si mesmo**: Crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2015b.

CALLIGARIS, C. Ser homem ou mulher. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 03 de julho de 2008. Folha de São Paulo Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0307200827.htm>. Acesso em: 14 nov. 2020.

CORSO, D. **Tomo conta do mundo**: Confições de uma psicanalista. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2014.

CORSO, D. Psicanálise e feminismo por Diana Lichtenstein Corso – parte 1. In: KALIL, Angélica; BUCHMANN, Analu; DELLA-DEA, Victor. (Org.). **Você é feminista e não sabe**. 2015. (4m57s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_xrfvPd53-w. Acesso em: 01 fev. 2021

DERRIDA, J. **O monolinguismo do Outro ou a prótese da origem**. Tradução de Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras. 1996.

DERRIDA, J; ROUDINESCO, E. **De que amanhã**: diálogos. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FREUD, S. **O Mal-estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 18). Original publicado em 1930.

FREUD, S. **Sobre a sexualidade feminina**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 18). Original publicado em 1931.

FREUD, S. **Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 18). Original publicado em 1932-1933.

FREUD, S. **A feminilidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 18). Original publicado em 1933.

GARCIA-ROZA, L. A. Pesquisa do tipo teórico. **Psicanálise e universidade - Revista do núcleo de pesquisa da pós-graduação em psicanálise da PUC/SP**, São Paulo, p. 9-32, 1991.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 11 maio 2024.

KEHL, M. R. **A mínima diferença**: masculino e feminino na cultura. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KEHL, M. R. **18 crônicas e mais algumas**. São Paulo: Boitempo, 2011.

KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

LACAN, J. **O Seminário, Livro 7**: A ética da psicanálise. [1959-60]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud [1957]. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. A significação do falo [1958]. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

NERI, R. **A psicanálise e o feminino**: um horizonte de modernidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

NUNES, S. A. **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha**: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

RODRIGUES, C. Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 140–164, abr. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/MGFkQSZT8LVdcpXNvg3jYtD/abstract/?lang=pt#ModalHowcite>. Acesso em: 11 maio 2024.

RODRIGUES, C. Nós, o falo e a escuta. **Cult – Revista Brasileira de Cultura** – A psicanálise entre feminismos e femininos: velhas discórdias, novas aproximações (Dosiê), São Paulo, n. 238, ano 21, p. 36-39, 2018.

ROSA, M. D.; DOMINGUES, E. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n. 1, p. 180-188, jan. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/yKGKsrdH3QvCNdYkTkPqpfP/abstract/?lang=pt#ModalHowcite>. Acesso em: 11 maio 2024.

SOUZA, M. Vazio, feminino e restos. In: SOUZA, M; MARTINS, F, ARAÚJO, JOSE. (Org.). **Dimensões da violência**: Conhecimento, subjetividade e sofrimento psíquico. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

WOOLF, V. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2012. Original publicado em 1931.

Recebido em: 13/03/2023.

Aceito em: 01/02/2024.